

A ã
é ß

STARTER STORY · PORTUGUESE · C2

A Irmã que Não Cantava

A Irmã que Não Cantava

No dia em que enterraram Amélia Nogueira, a rádio nacional tocou os seus quatro fados mais conhecidos, um atrás do outro, como se a cidade inteira tivesse combinado guardar um minuto de silêncio feito de voz. Na primeira fila do cemitério, quase invisível dentro de um casaco preto grande demais, estava a irmã mais velha, Berta, que ninguém ali reconheceu.

Berta tinha oitenta e sete anos e não cantava desde os dezanove. Uma difteria mal tratada, na infância das duas em Alfama, deixara-lhe a garganta danificada para sempre: podia falar, baixo e rouco, mas a voz que precisava para o fado tinha-lhe sido tirada antes de a ter usado sequer uma vez em público.

Foi por isso que, quando Amélia começou a cantar nas tabernas do bairro aos dezasseis anos, foi Berta quem lhe deu as primeiras letras. Não por generosidade, contava sempre Amélia às entrevistas, mas porque «a Berta tinha dentro dela um fado inteiro e nenhuma maneira de o deixar sair, e eu tinha a voz e nenhuma palavra que valesse a pena cantar».

Nas capas dos discos de Amélia Nogueira, ao longo de quarenta e dois anos de carreira, a autoria das letras aparecia sempre da mesma forma: «Letra: tradicional, adaptação de A. Nogueira». Nenhum disco, nenhum programa de concerto, nenhuma entrevista mencionou alguma vez o nome de Berta.

O arranjo entre as duas nunca foi discutido em voz alta, ao que se saiba. Simplesmente aconteceu, ano após ano: Berta escrevia à noite, num caderno de capa de oleado preto, e de manhã deixava as folhas em cima da mesa da cozinha, sem comentário. Amélia lia-as em silêncio e, semanas depois, cantava-as num palco a quilómetros de distância.

Num dos cadernos, datado de 1962, entre versos riscados e reescritos, lia-se uma nota à margem, na letra pequena e apertada de Berta: «Escrevo para a voz que eu não tenho. Isto não é tristeza, é apenas a forma que a minha vida encontrou de chegar a um palco.»

Quem conhecia bem as duas irmãs, e eram poucos, dizia que Amélia nunca escondeu a existência de Berta, apenas nunca insistiu em corrigir quem presumia que as letras eram dela própria. Havia, nessa omissão, uma zona cinzenta que nenhuma das duas parecia disposta a examinar de perto.

Uma jornalista jovem, Inês Marreiros, que preparava havia dois anos um livro sobre o fado do pós-guerra, tinha ouvido rumores sobre a irmã escritora e conseguira, por fim, uma entrevista com Berta, três meses antes da morte de Amélia. Berta recebeu-a na sala pequena onde vivia, cheia de cadernos empilhados até ao teto.

«Quer que eu diga que fui roubada» disse Berta, antes de a jornalista sequer perguntar nada, com um meio sorriso que parecia já ter ensaiado a frase muitas vezes. «Não foi isso. Ninguém me tirou nada que eu quisesse guardar para mim.» Inês perguntou-lhe, então, porque nunca tinha exigido o seu nome nos discos.

Berta pensou durante um longo momento, com as mãos paradas sobre um caderno fechado. Respondeu que o seu nome, escrito numa capa de disco, teria sido apenas tinta. A voz da irmã a cantar as suas palavras, essa sim, era a coisa mais parecida com falar que ela alguma vez teria na vida.

Numa página sem data, entre esboços de um fado que nunca chegou a ser gravado, encontrava-se apenas uma frase, sublinhada duas vezes: «Não é o mesmo cantar e ser cantada, mas é o mais perto que consigo chegar do canto.»

Amélia morreu de repente, de um enfarte, num camarim entre dois números de um concerto de homenagem à própria carreira. A notícia correu o país em horas. Nos jornais do dia seguinte, os obituários citavam letras inteiras dos seus fados mais famosos, atribuindo-lhe, verso a verso, uma autoria que nunca tinha sido dela sozinha.

Berta leu os obituários sentada à mesma mesa da cozinha onde, durante décadas, deixara os cadernos para a irmã ler. Não corrigiu nada em voz alta. Mas nessa noite, pela primeira vez em anos, tirou um caderno antigo da estante e abriu-o na primeira página, a de 1958.

Inês Marreiros, ao saber da morte de Amélia, hesitou durante semanas antes de voltar a procurar Berta. Quando finalmente o fez, trazia consigo uma proposta: publicar, ainda que só num apêndice do livro, uma seleção dos cadernos, com o nome de Berta finalmente impresso ao lado das letras.

Berta recusou, com uma firmeza que surpreendeu a jornalista mais do que qualquer explicação teria feito. Disse apenas que um nome impresso agora, depois de quarenta e dois anos de silêncio deliberado, pareceria menos uma correção do que um roubo póstumo, desta vez feito à irmã, e não a ela.

Foi então que Berta contou a Inês algo que não constava em nenhum caderno. O fado mais célebre de Amélia, aquele que a rádio tinha tocado no funeral logo a seguir aos sinos, «Longe de Ti Nenhum Porto», não fora escrito por Berta. Fora a única letra que a própria Amélia tinha escrito na vida, numa única noite, sem mostrar o rascunho a ninguém.

Berta só o soube muitos anos depois, por acaso, ao encontrar um recorte antigo com uma entrevista esquecida onde Amélia admitia, de passagem, sem grande ênfase, aquela única exceção. Nunca falaram sobre isso. Berta nunca soube dizer se a irmã tinha escondido a verdade por vergonha ou por delicadeza.

«Passei quarenta e dois anos a pensar que lhe tinha dado a única coisa que ela não conseguia ter» disse Berta a Inês, com a voz mais rouca do que nunca. «E afinal ela também me deu, uma vez, a única coisa que eu nunca teria conseguido: uma canção inteiramente minha, cantada, sem que eu tivesse escrito uma única palavra dela.»

No livro de Inês Marreiros, publicado no ano seguinte, o apêndice sobre os cadernos de Berta não trazia nenhum nome em letras grandes na capa, como Berta pedira. Trazia apenas, na última página, uma fotografia das duas irmãs em criança, e por baixo, uma única linha: «Uma escreveu. A outra cantou. As duas foram, sempre, o mesmo fado.»

OQOU STARTER LIBRARY

This story is from oqou's free starter library, graded at C2 for Portuguese readers.

Read it interactively in the oqou app: tap any word for an instant translation, listen with natural narration, and carry your saved vocabulary into every story you read next.

oqou.app

[Download oqou on the App Store](#)

oqou •